

AÇÕES EDUCATIVAS NA PRESERVAÇÃO DO ACERVO DOCUMENTAL E ICONOGRÁFICO DO MUSEU ESTADUAL DO CARVÃO

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal apresentar as ações desenvolvidas para a preservação do acervo documental e iconográfico do Museu Estadual do Carvão, localizado no município de Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul. Para tanto, através de levantamento bibliográfico e pesquisa ao acervo documental do museu foi possível compreender a função social dos museus (com destaque para a função educativa) e refletir sobre os projetos desenvolvidos com relação ao museu e a educação. A análise das ações educativas desenvolvidas no Museu Estadual do Carvão, projetos “Uma Luz no Fim do Túnel” e “Representação Iconográfica do Trabalho Mineiro”, tornam-se necessárias como forma de divulgação e valorização dos museus do interior do Estado como espaços educativos por excelência e não apenas como espaços educativos complementares ou de entretenimento.

Palavras-chave: Ações Educativas. Conservação. Educação Patrimonial. Museu Estadual do Carvão. Preservação.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo presentar las principales medidas adoptadas para preservar el fondo documental e iconográfico del Museu Estadual do Carvão, ubicado en el municipio de Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul. Así, a través de una revisión de la literatura y la investigación de la colección documental del museo, fue posible comprender la función social de los museos (especialmente la función educativa) y reflexionar sobre los proyectos que se desarrollan en relación con el museo y la educación. El análisis de las actividades educativas desarrolladas en el Museu Estadual do Carvão, los proyectos "Uma Luz no Fim do Túnel" y "Representação Iconográfica do Trabalho Mineiro", resultan necesarios como medio de difusión y valorización de los museos en interior del estado de Rio Grande do Sul como espacios educativos por excelencia y no solo como espacios educativos complementarios o entretenimiento.

Palabras-clave: Actividades Educativas. Conservación. Educación sobre el Patrimonio. Museu Estadual do Carvão. Preservación.

INTRODUÇÃO

O Museu Estadual do Carvão foi criado em 31 de março de 1986 pelo Decreto Estadual nº 32.211. Vinculado à Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC/RS), localiza-se em uma área verde de aproximadamente 11 (onze) hectares no município gaúcho de Arroio dos Ratos. Possui em seu espaço prédios tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE/RS). Entre eles destacam-se: o antigo prédio do escritório, usina, oficinas, almoxarifado e laboratório, além das ruínas das caldeiras da termoelétrica e

suas galerias, carregadora, lavador, “boca” do Poço 1, resfriador e chaminé pertencentes à primeira usina termoelétrica movida à carvão mineral no país.

O objetivo central do Museu Estadual do Carvão é preservar o patrimônio histórico-cultural da mineração do carvão no Rio Grande do Sul atuando também como centro cultural multifacetado da Região Carbonífera do Baixo Jacuí, que compreende além da cidade de Arroio dos Ratos, os municípios de Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, Eldorado do Sul, General Câmara, Minas do Leão, São Jerônimo e Triunfo.

O museu ainda possui um importante acervo museológico e arquivístico, que registra a história da mineração carbonífera gaúcha: ferramentas e utensílios de extração mineral, peças em porcelana para eletricidade, tijolos refratários vindos da Europa, fotografias, livros, carteiras de trabalho, mapas, entre outros objetos.

Além de se tratar de um depositário da história da mineração gaúcha, o Museu atua como um centro cultural de acolhida e promoção das mais diferentes linguagens da cultura: teatro, coral, dança, escotismo, artesanato, palestras, oficinas, etc., propondo ações educativas com as escolas, especialmente sobre o tema preservação, fomentando o sentimento de apropriação e de pertencimento nas comunidades. Entre as diversas ações e atividades educativas, em parceria com as comunidades, destacamos as oficinas de higienização básica e organização preliminar de documentos e fotografias.

Este artigo tem como objetivo principal apresentar as ações desenvolvidas para a preservação do acervo documental e iconográfico do Museu Estadual do Carvão. A análise das ações educativas desenvolvidas, projetos “Uma Luz no Fim do Túnel” e “Representação Iconográfica do Trabalho Mineiro”, tornam-se necessárias como forma de divulgação e valorização dos museus do interior do Estado, destacando-se as etapas até o momento realizadas com os documentos e as imagens, apontando as dificuldades identificadas e procurando ressaltar a qualidade dos acervos através de seu caráter e de seu valor às comunidades envolvidas.

2 A FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS

Conforme Georges Henri Rivière, primeiro diretor do Conselho Internacional dos Museus, o museu é uma instituição a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe com a finalidade de aumentar o saber, salvaguardar e desenvolver o patrimônio, a educação e a cultura, bens representativos da natureza e do homem (GIRAUDY; BOUILHET, 1990). Em suma, pode-se conceituar o museu como a forma pela qual nossa sociedade institucionalmente transforma objetos materiais em documentos. Por isso ele tem que funcionar, também, como centro de documentação (MENESES, 1992).

Levando em consideração este aspecto do museu, a Escola dos Annales, nascida em 1929 na França e, no Brasil, internalizada crescentemente a partir da década de 1960, exerceu um papel decisivo ao revolucionar a noção de documento (BARROSO, 2000), sob esta perspectiva, os objetos do museu também são considerados documentos.

No museu os objetos se transformam, todos, em documentos, isto é, objetos que assumem como papel principal o de fornecer informação, ainda que, para isso, tenham que perder a serventia para a qual foram concebidos ou que definiu sua trajetória (MENESES, 1992). Assim, num museu histórico, nenhum objeto é utilizado segundo seus objetivos práticos originais: “nenhum móvel ou arma pode ser empregado como móvel ou arma pelos funcionários ou visitantes” (MENESES, 1992, p. 4).

Buscando compreender o conceito de museu histórico, uma depoente assinala ser aquele que está relacionado aos grandes vultos (políticos) diferentemente do “museu de história” que seria guardião dos objetos pertencentes aos contemporâneos não tão ilustres dos grandes vultos (POSSAMAI, 2001). O que costuma ser critério maior para identificação *a priori* de um objeto histórico é sua vinculação biográfica ou temática a um feito ou figura excepcionais do passado, normalmente heróis vencedores ou quando vencidos, considerados moralmente superiores (MENESES, 1992).

Assim, o museu histórico mais parece um determinado tipo de museu estático preocupado em coletar objetos que seguem uma cronologia linear ou uma época dada, talvez aquele que coleta (POSSAMAI, 2001). É necessário, portanto, uma visão ampla acerca dos museus históricos, que de uma melhor forma possa conceber este espaço não como a instituição voltada para os objetos históricos, mas

para os problemas históricos (MENESES, 1992). Para tanto o museu histórico é um espaço de problematização através da cultura material, ou seja, questionar a partir dos objetos como forma de possibilitar ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

É nesta perspectiva da problematização e compreensão do universo sociocultural que se destaca, entre as inúmeras e complexas funções desempenhadas pelos museus, a função educativa. A partir do século XIX a missão educativa dos museus foi se ampliando. No Brasil a ação educativa em museus recebeu influências das ideias do escolanovismo, proposta técnica-pedagógica liderada por Fernando de Azevedo a partir de 1920 (ALMEIDA, 1997).

No Brasil, de modo semelhante à Europa e aos Estados Unidos, a partir do século XIX, a escola elementar e o museu constituíam tecnologias de transformação social na cruzada pela formação do cidadão republicano (KOPTCKE; LOPES; PEREIRA, 2007).

Ao estudar sobre as origens do mais antigo museu brasileiro, o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, observa-se que desde suas origens o museu atuou como irradiador e de apoio às atividades de ensino formal. Data do início de 1822 o primeiro registro que encontramos de contribuição do Museu Nacional ao ensino formal (LOPES, 2009).

Pensando a relação educação-museus, levando em conta a relação com o ensino formal, segundo Maria Célia Santos (2002) atualmente há a necessidade de uma reformulação das metas e dos objetivos a serem alcançados na interação entre museu e escola, o que deverá influenciar também na reestruturação dos procedimentos a serem adotados para operacionalização dos projetos desenvolvidos na atuação conjunta entre as duas instituições. Ainda segundo Santos (2002), o museu para atingir sua função pedagógica, deverá ter uma capacidade de produção própria, com questionamento crítico e criativo, contudo, sem deixar de interagir com outras áreas do conhecimento.

A ação educativa em museus visa ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação à sua realidade e daqueles que estão a sua volta (ALMEIDA, 1997). Educação em museus, além de complementar o currículo formal é exercício

de afetividade e preservação da memória e do patrimônio cultural. As relações entre instituições de ensino formal como a escola, e de ensino não formal como os museus, podem ser muito profícuas, caso seus profissionais de educação (professores e educadores de museus) estabeleçam canais de comunicação para troca de programas de ação educativa (ALMEIDA, 1997).

Segundo Almeida (1997) a autora Maria Margaret Lopes propõe que o museu colabore com o processo de construção do conhecimento em nossa realidade e seja um espaço de veiculação, produção e divulgação de conhecimentos. É preciso para tanto partir para o desafio de conceber o museu como um espaço que caminha em direção além da complementaridade do ensino escolar. Para a concretização de tal concepção torna-se necessário a utilização de um método diferente do ensino formal (ALMEIDA, 1997).

A metodologia da educação patrimonial é considerada como a mais apropriada para a ação educativa em museus (ALMEIDA, 1997). A educação patrimonial trata-se de uma proposta metodológica para o desenvolvimento das ações educacionais voltadas para o uso e a apropriação dos bens culturais. No ano de 1983 durante o 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, realizado no Museu Imperial, no Rio de Janeiro, a museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta introduziu, no Brasil, a metodologia da Educação Patrimonial, que por sua vez embasa especificamente o trabalho educacional nos museus e monumentos. Serviu de inspiração para a implantação deste trabalho no país, a experiência pedagógica desenvolvida na Inglaterra sob a designação de *Heritage Education*.

Através da metodologia da educação patrimonial é possível oferecer ganhos cognitivos e afetivos partindo da especificidade do museu: a cultura material (ALMEIDA, 1997). Outra questão importante no contexto das ações educativas em museus é a relação entre o educador de museu e o professor. É essencial a integração entre professores e educadores de museu a fim de garantir a proposta educativa dos museus evitando desta forma que as visitas de escolares se tornem apenas simples passeios.

A ação educativa é parte integrante dos processos de comunicação museológica e deve ser coerente com o discurso expositivo, com as publicações e outros meios de divulgação do museu. A relação entre educação e processo

museológico é destacada por Santos (2002). Assim como a educação, o patrimônio cultural é o referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas. Desta maneira, as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação devem ser aplicadas em interação e como função educativa.

A educação em museus visa à preservação do patrimônio cultural e natural através da participação crítica de toda a população (ALMEIDA, 1997). Mais do que se tornar conhecido e divulgado, o museu necessita ser vivido (SANTOS, 2002). Assim, neste mundo em constante transformação, o conceito de museu estático está sendo substituído pelo conceito de museu dinâmico. Os equipamentos culturais precisam interagir com a comunidade, estimulando o debate e ações cidadãs, apontando – em conjunto – novos horizontes para o desenvolvimento regional, pois os museus devem ser entendidos como instituições a serviço da sociedade e com importante papel na formação da consciência das comunidades.

No entanto, admite-se a dificuldade em manter um acervo, seja seu caráter – documental, iconográfico, arqueológico, tridimensional, etc. –, seja a materialidade de sua composição – papel, madeira, tecido, cerâmica, entre diversos outros. Conservar um acervo nos padrões ideais¹ conforme os preceitos teóricos, por incontáveis circunstâncias, é dificilmente possível e/ou praticável.

Atualmente, no contexto dos museus no Brasil, são poucas as instituições que tem a possibilidade de integrar em suas equipes, profissionais da conservação e restauração. Visto o impedimento, estas funções são conferidas à profissionais de outras áreas, podendo estes terem instrução e especialização no conhecimento e prática da conservação e restauração, ou não, e, em suma, são historiadores, museólogos, arquivistas, entre outros dedicados às ciências humanas, bens culturais e patrimoniais.

Igualmente, há a dificuldade de verba para financiar e custear o ambiente e tratamento ideal aos acervos, pois conservar e restaurar um acervo requer investir numa gama de equipamentos, materiais e instrumentos de acondicionamento,

¹ As instituições que hoje administram e elaboram os arquétipos à serem aplicados na conservação e restauração de acervos são o “Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM”, a “Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais – ABRACOR” e, para determinados acervos, a “Fundação Nacional de Arte do Ministério da Cultura – FUNARTE”.

armazenamento e higienização – mecânica e química –, assim como um ambiente – físico e atmosférico – adequado e preparado para ocupar um acervo.

Considerando este aspecto, é frequente – devido aos recursos limitados – as instituições que guardam acervos suspenderem, prorrogarem e/ou substituírem alguns procedimentos e equipamentos classificados ideais, por outros meios mais acessíveis.

3 PROJETO “UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL”: SALVANDO A DOCUMENTAÇÃO DAS MINAS DA REGIÃO CARBONÍFERA DO BAIXO JACUÍ

No ano de 1996, a ACUB (Associação Cultural Butiaense – Butiá/RS) foi comunicada acerca de um ato desfavorável à preservação do patrimônio histórico da região carbonífera gaúcha: a ameaça de incineração de dez toneladas de documentação pela própria empresa que a gerou. Tratava-se do acervo CADEM (Consórcio Administrador de Empresas de Mineração). Este consórcio controlou a exploração do carvão mineral a partir de 1936 até o ano de 1964, dando origem à COPELMI (Companhia de Pesquisas e Lavras Minerais), empresa que até hoje continua as atividades de mineração de carvão no Rio Grande do Sul.

O acervo CADEM esteve por doze anos sob a guarda da ACUB, em local desfavorável para sua preservação². Apenas no ano de 2008 iniciou o processo de formação de um grupo de universitários voluntários interessados em salvaguardar adequadamente a documentação ameaçada de destruição³. Para tanto, foi levantada a ideia de dar início a um projeto voltado para a ação educativa em patrimônio que envolvesse a comunidade escolar pertencente aos diversos municípios da região carbonífera. Surge o projeto “Uma Luz no Fim do Túnel”, uma

² O acervo CADEM, após ter sido recolhido pela ACUB em 1996, ficou sob a guarda desta associação até junho de 2010. Durante este tempo ficou acomodado no prédio de um antigo engenho de arroz de propriedade da Sr.^a Gertrudes Novak Hoff, membro da ACUB.

³ O grupo inicial era constituído de universitários voluntários vinculados à Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) e UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) sendo apoiados pelo professor do Departamento de História da UFRGS, Dr. Benito Bisso Schimdt. Através deste grupo de trabalho foi possível conseguir adesões importantes, tais como o da UFRGS, através do seu Programa “Ciência na Sociedade, Ciência na Escola” (programa da Pró-reitoria de Pesquisa da UFRGS), do Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul e do Instituto Federal Sul Rio-Grandense - *campus* Charqueadas (IF-Sul). Atualmente o projeto “Uma Luz no Fim do Túnel” recebe recursos da Copelmi Mineração Ltda. e o grupo de apoio ao projeto possui cerca de dez profissionais voluntários, entre eles professores, historiadores, sociólogos e arquivistas.

alusão ao trabalho do mineiro do carvão, que após uma jornada exaustiva, no fundo escuro do chão, encontrava a luz ao sair do túnel de escavação.

A primeira etapa desta ação foi realizada nas dependências do IF Sul Rio-Grandense – *campus* Charqueadas, no ano de 2009 e teve como objetivo promover a higienização, salvaguarda e elaboração de um inventário inicial do acervo CADEM, bem como posterior produção de banco de dados e ferramentas virtuais em favor da divulgação do acervo.

O projeto “Uma Luz no Fim do Túnel”, após um ano sem atividades, devido à remoção do acervo para a empresa de origem⁴, COPELMI, retomou os trabalhos no primeiro semestre de 2011 no espaço do Museu Estadual do Carvão. Nesta oportunidade as atividades do projeto foram divididas em dois blocos: no primeiro bloco aconteceu um ciclo de palestras que trouxe como temas a história da mineração de carvão no Rio Grande do Sul e dos trabalhadores mineiros, noções de patrimônio e organização e higienização de documentações. Durante o segundo bloco foram realizadas oficinas práticas de higienização básica, organização e descrição preliminar da massa documental.

A transferência das atividades do projeto “Uma Luz no Fim do Túnel” para o espaço do Museu Estadual do Carvão foi capaz de estreitar os vínculos entre museu e educação. A partir do envolvimento do museu nesta atividade foi possível repensar necessidades e atrair soluções. A primeira necessidade era de um espaço que pudesse abrigar o acervo CADEM e servir a comunidade. Com a intervenção de órgãos ligados a preservação do patrimônio histórico-cultural e através da parceria da iniciativa privada, durante o segundo semestre de 2011 foi iniciada a obra de restauração do prédio do antigo laboratório das minas de carvão, no Museu Estadual do Carvão, que abrigará o denominado Arquivo Histórico da Mineração (AHM). O prédio foi entregue em 17 de janeiro de 2013, mas ainda carece de equipamentos e mobiliário adequados para sua funcionalidade.

Atualmente as oficinas são acompanhadas pela equipe de voluntários, por segmentos da comunidade, pelo diretor e estagiárias do Museu, e por aluno-bolsista

⁴ A remoção do acervo CADEM aconteceu devido a problemas estruturais graves (ameaça de queda do telhado do antigo engenho Novak, local que abrigou o acervo por catorze anos). O acervo passou a ser acondicionado em contêineres até a funcionalidade do prédio do Arquivo Histórico da Mineração (AHM), localizado no espaço do Museu Estadual do Carvão.

cedido pelo programa “Ciência na Sociedade, Ciência na Escola” (programa da Pró-reitoria de Pesquisa da UFRGS).

Com a utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para o processo de higienização (luvas, máscaras, óculos, guarda-pós, etc.), a higienização básica da documentação é realizada com pincéis e trinchas com cerdas macias e com a retirada manual de todos os grampos, cliques e demais objetos metálicos. Durante a leitura do documento é preenchida uma “Ficha de Identificação de Documentos”, solicitando o: Tipo e Título do documento; Data(s)-limite; Localidade(s) abrangente(s); Número de páginas; Estado do documento; Interventor; Localização provisória; e Descrição, utilizando-se palavras-chave que identifiquem os assuntos de modo claro e direto (breve descrição).

Por fim, a “Ficha de Identificação de Documentos” é revisada, a localização provisória é preenchida conforme o fundo pré-determinado ao qual se refere o documento (caixa-arquivo e envelope, respectivamente) e o documento colocado num envelope branco (neutro) devidamente numerado e salvaguardado numa caixa-arquivo de polionda. A numeração da caixa-arquivo está associada ao fundo⁵, identificado por uma letra. O cadastro do inventário preliminar do acervo é realizado numa planilha eletrônica, com diversas cópias de segurança.

Através do trabalho com os documentos, em suporte papel, alunos e comunidade da Região Carbonífera são convidados também a relacionar o conteúdo das inúmeras carteiras de trabalho, das cópias administrativas dos processos trabalhistas entre as empresas mineradoras e os trabalhadores, dos mapas de mineração e plantas de prédios (muitos deles ainda existentes), etc., aos objetos da exposição de longa duração do Museu Estadual do Carvão, etc. Neste trabalho, tanto o papel escrito quanto o objeto e os prédios que compõem o parque da antiga Usina Termoelétrica promovem o fascínio e a expectativa de provocar conversas de naturezas diferenciadas, de conquistar e convidar.

Conforme Marandino (2008) a experiência educativa dos museus é única. Não é melhor nem pior que a da escola ou de outro espaço educativo qualquer, mas seria aconselhável que todos tivessem o direito de vivenciá-la. Por meio delas é

⁵ Letras: A – documentos da área pessoal; B – área de negócios ou relações comerciais; C – documentos para área contábil; D – área da comunicação; E – documentos técnicos; F – Sindicato; G – correspondência expedida/recebida; Z – para pouquíssimos temas, bem menores, e/ou não identificados.

possível, entre outras coisas, ampliar o repertório de vivências e experiência sociais, estéticas, sensoriais, de contato com informações, com conteúdos e conceitos, com visões de mundo.

O trabalho desenvolvido pelo projeto analisado não tem como intenção “escolarizar” o museu, mas promover uma forma de ação educativa, num espaço de educação não-formal, que aproxime alunos e comunidade carbonífera da sua história e da sua memória, de maneira a problematizá-la e redescobri-la, comprometendo-se com sua preservação (em seu conceito amplo: conhecer, proteger, conservar e promover).

4 PROJETO “REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DO TRABALHO MINEIRO”: O TRABALHO NO ACERVO FOTOGRÁFICO DO MUSEU ESTADUAL DO CARVÃO

O Museu Municipal de Porto Alegre Joaquim José Felizardo abriga três acervos concernentes unicamente à cidade de Porto Alegre: o Acervo Tridimensional, o Acervo Arqueológico e o Acervo Fotográfico, nomeado de Fototeca Sioma Breitman. A Fototeca conta com cerca de 20.000 imagens físicas – retratando diversos aspectos da cidade Porto Alegre, com datação abrangente entre os séculos XIX e XX –, e destas, cerca de 8.000 encontram-se digitalizadas e disponíveis ao público através do banco de dados “*Donato*”, de versão atual 3.2, software este desenvolvido e cedido pelo Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro⁶.

A coordenadora da Fototeca Sioma Breitman, a Conservadora-Restauradora Mara Regina Nunes, fora responsável por proporcionar a experiência e o aprendizado aplicado atualmente no Acervo Fotográfico do Museu Estadual do Carvão, projeto “Representação Iconográfica do Trabalho Mineiro”.

O trabalho voluntário no acervo fotográfico do Museu Estadual do Carvão executou inicialmente o procedimento de categorização das imagens, posteriormente, a numeração das imagens e, atualmente, encontra-se em processo de higienização mecânica. O projeto planeja ainda catalogar e inventariar as imagens e, eventualmente, digitalizá-las e anexá-las a um banco de dados.

⁶ O software fora primordialmente desenvolvido com a finalidade de abrigar obras de arte. A Fototeca Sioma Breitman adaptou-se ao programa utilizando-o como um banco de dados de imagens fotográficas.

O processo de higienização mecânica ainda encontra-se vigente no exercício do Projeto e é um trabalho que exige paciência, aplicação, cautela e prudência, visto que a falta de cuidado pode ocasionar um dano físico permanente à imagem. Higienizar uma fotografia antiga pode vir a comprometer seu material, forma e imagem. Qualquer tipo de restauração é um dano motivado, uma vez que estamos interferindo no envelhecimento natural da matéria e provocando um prolongamento deliberado de sua vida útil retardando o processo de deterioração da imagem. Estes procedimentos mostram-se necessários para preservar a informação que a imagem proporciona, assim como seu valor identitário, cultural, histórico, artístico, midiático, entre múltiplos outros domínios onde a iconografia faz-se útil e necessária.

A produção fotográfica de antigamente passou por constantes processos de aperfeiçoamento, as imagens eram produzidas com diferentes técnicas fotográficas entre diferentes processos alternativos. Daguerreótipo, Ambrótipo, Ferrótipo, Albúmen, Goma Bicromata, Cianótipo e Heliogravura são exemplos de técnicas e processos fotográficos alternativos aplicados em períodos anteriores e que comumente encontramos nos acervos fotográficos, a maioria química e, algumas, altamente tóxicas. Diante disto, durante a higienização mecânica, diferentes tipos de cuidados e materiais devem ser usados, para diferentes tipos de fotografias. Esta avaliação é clínica e deve ser realizada pelo Conservador-Restaurador que designará o procedimento mais adequado para cada condição.

Para a limpeza curativa superficial das fotografias que compõe o Acervo Fotográfico do Museu Estadual do Carvão, utiliza-se de máscara médica de prevenção – para evitar a inalação de toxinas da imagem e conter a exalação da respiração humana e saliva sobre a fotografia –, e a luva de látex – apesar de não ser considerada a mais adequada para o manuseio das fotografias, – que impede o contato direto da pele humana com a imagem, evitando impressões digitais e a oleosidade natural da pele.

Nas funções práticas de prevenção, a imagem deve ser posta sobre uma folha de papel – preferencialmente alcalino –, e esta, sobre uma superfície de trabalho previamente higienizada, onde na imagem, de frente, utiliza-se uma trincha seca e limpa através de uma escovação suave, trabalhando a partir do centro da fotografia para o exterior, retirando sujidades, resquícios de poeira e de pequenos

insetos. Em seguida, o mesmo processo é executado no verso da imagem. Posteriormente, com um bisturi – também são utilizados a pinça, e o palito de madeira –, retiram-se cuidadosamente colas, grampos, adesivos, entre outros corpos estranhos que foram inseridos na imagem no decorrer de sua vida útil.

Dando continuidade ao processo de higienização mecânica curativa, sobre a mesma superfície higienizada e, através do mesmo método empregado anteriormente com a trincha, aplica-se suavemente uma porção de algodão na frente da imagem, friccionando do interior da fotografia para o exterior, certificando-se que não há marcas de impressão ou oleosidade. Para finalizar, a última etapa proporcionada à imagem é a higienização com farelo de borracha plástica TK. Este procedimento é empregado em imagens mais antigas com sua materialidade em papel e que contenham sinais de lápis, bolor e manchas⁷. É utilizada uma “almofadinha” de algodão envolta em tecido TNT onde, em movimentos circulares, “apaga-se” as sujidades sem danificar a fotografia.

As imagens estão sendo organizadas por pastas temáticas, identificando suas tipologias, como por exemplo: indústria, mineiros, arquitetura, festividades, enchentes, etc. Infelizmente algumas imagens na parte superior estão bem danificadas com vestígios de ferrugem e amarelamento, recortes, sujeira, etc. Outras imagens na parte inferior, escritas a caneta, há resíduos de fita adesiva ou cola cartolina preta, assim, prejudicando sua conservação.

As pastas foram numeradas por tipologias e dentro delas constam subpastas com imagens correspondentes a sua temática. As imagens foram numeradas a lápis (B6) no verso da fotografia, embaixo à esquerda. Para identificar as imagens do acervo fotográfico do Museu Estadual do Carvão, foi adicionado à numeração as iniciais “MC”.

A próxima etapa prevista do projeto é a digitalização das imagens em 300dpi, para melhor resolução, colocando-as num primeiro momento em um arquivo de imagens indexadas, como forma de busca para selecioná-las. O próximo passo é realização da pesquisa histórica de cada imagem do acervo e inseri-las no Donato,

⁷ Algumas manchas como as de caneta esferográfica podem ser retiradas com cuidado, utilizando um cotonete molhado em álcool ou água oxigenada. Faz-se curtas fricções – nunca esfregando – sobre a mancha, e utiliza-se um cotonete seco para absorver o excesso do produto. Caso a mancha não apresente melhora e/ou efeito de diminuição, deve-se mantê-la como está, evitando o risco de danificar o material.

programa de busca utilizado por meio de consulta nas instituições para atender ao público pesquisador.

Por fim, este projeto também tem como objetivo disponibilizar as imagens em formato digital, com as legendas correspondentes, para atender a demanda de pesquisas especificamente no município de Arroio dos Ratos e demais municípios da Região Carbonífera do Baixo Jacuí através da interdisciplinaridade, disponível no acervo – função “servir” (promover).

CONCLUSÃO

Ações educativas em museus são indispensáveis no processo de preservação do patrimônio cultural. Para tanto, a metodologia da educação patrimonial é uma estratégia importante para o alcance deste objetivo.

Além dos museus de ciências, os museus históricos merecem esta atenção no que diz respeito à relação museu-educação. Professores e educadores de museus devem exercitar o diálogo como forma de integração neste trabalho que tem como objetivo tornar viva a experiência do sujeito no museu.

Como na escola, a intervenção pedagógica no museu pode ser libertadora, construindo uma reflexão crítica e favorecendo a atribuição de significado à experiência pelo visitante, enquanto sujeito (KOPTCKE; LOPES; PEREIRA, 2007).

No intuito de tornar o Museu Estadual do Carvão um espaço para ser vivenciado e não apenas divulgado, os projetos “Uma Luz no Fim do Túnel” e “Representação Iconográfica do Trabalho Mineiro” se destacam como investida capaz de trazer novas perspectivas de trabalho educativo em torno da preservação do patrimônio cultural da Região Carbonífera do Baixo Jacuí.

Enquanto a vertente tradicional da museologia estava voltada para o tratamento do objeto em si, circunscrito num edifício, para um público específico através de uma moldura pedagógica formal, na nova museologia o tratamento dispensado ao objeto é relacionado ao seu contexto fazendo com que as ações desenvolvidas saiam do edifício e passem a ser exercidas de forma participativa pela comunidade.

Percorrendo os caminhos da nova museologia, o Museu Estadual do Carvão ruma em direção a uma relação cada vez mais sólida com o processo educativo em museus. Ir além do conteúdo formal e pragmático da escola, conhecer a trajetória da mineração de carvão no Rio Grande do Sul e de todos que nela estiveram envolvidos é um desafio a ser vivenciado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 10, p. 50-56, set./dez. 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSERVADORES-RESTAURADORES DE BENS CULTURAIS. *Terminologia para definir a conservação do patrimônio cultural tangível*. Número 1. Rio de Janeiro, Junho de 2010. 3p. Disponível em: <<http://www.abracor.com.br/novosite/boletim/062010/ArtigoCOM-CC.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2013.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. A função social dos museus históricos. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, RS, n. 27, p. 144-152, jan./jun. 2000.

BELLOTTO, H. L. Patrimônio documental e ação educativa nos arquivos. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, RS, n.27, p.151-166, jan./jun. 2000.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henry. *O museu e a vida*. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.

KOPTCKE; Luciana Sepúlveda; LOPES, Maria Margaret; PEREIRA, Marcelle. A construção da relação museu-escola no Rio de Janeiro entre 1832 e o final dos anos de 1927: análise das formas de colaboração entre o Museu Nacional e as instituições da educação formal. In: *Anais do Simpósio Nacional de História*. São Leopoldo, RS, 2007.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. 2 ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 2009.

MARANDINO, Martha. Educação em museus e divulgação científica. *Com Ciência: revista eletrônica de jornalismo científico: revista da UNICAMP*, São Paulo, n. 100, 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=37&id=441>>. Acesso em: 21 set. 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Para que serve um museu histórico? Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista, 1992.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu e educação: conceitos e métodos. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 307-321, jan./jun. 2002.

SIQUEIRA, P. H.; OLIVEIRA, M. A. M. *Direitos Humanos e Cidadania*. 2. ed. São Paulo: RT, 2009.